

Adelino de Jesus da Mota Pimentel

Nos Inícios da Guerra do Ultramar
Doutrina, Informação e Propaganda
Ecos na Imprensa Açoriana (1961-1965)

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para a obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais, elaborada sob a orientação do Professor Doutor Carlos Cordeiro.



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais

PONTA DELGADA

2013

ANEXO 1

Entrevista / Depoimento

Manuel Redondo Cabral

O meu nome é Manuel Redondo Cabral; sou natural da Freguesia de Água Retorta, Concelho da Povoação. O meu número mecanográfico era o 155/60, e o meu posto foi 2º cabo. Sobre a questão da minha tropa na qual fui mobilizado para o Ultramar, sinto-me muito à vontade para falar dessa experiência de vida.

Começando pelo princípio quero dizer que antes de ir para a tropa, na minha terra, eu era trabalhador rural, trabalhava no campo e nas vacas. Meu pai era doente e como eu era o filho mais velho tinha que ajudar para casa, por isso estive na escola só até 4ª classe, mesmo assim reconheço que aprendi muito da geografia e principalmente da História de Portugal, e a ideia que tinha do Ultramar nessa altura era que esse seria um território muito atrasado. Trabalhava muito e a minha liberdade era pouca; mesmo assim, e como forma de emancipação, decidi ocupar os meus tempos livres aprender música na filarmónica local – a Penha de França. Éramos bastante pobres naquela altura, não havia rádio ou televisão, e os telefones eram três em toda a freguesia, e os transportes públicos só tocavam aquela localidade duas vezes por semana. Esse isolamento geral talvez fosse a razão da intensa convivência entre as pessoas, havia muita amizade entre essas.

No dia da inspeção, 01 de Julho de 1959, fui a pé da minha Freguesia até à Povoação, fazendo cerca de 20 quilómetros – fiquei apto. No dia de assentar praça, 04 de Abril de 1960, fui a pé de Ponta Delgada até aos Arrifes.

No meu primeiro contacto com a tropa tudo me parecia muito mal, o refeitório cheirava mal, as comidas eram de inferior qualidade; era um outro ambiente a que não estava habituado. Era tudo diferente, gente desconhecida, e não confiávamos muito uns

nos outros até nos conhecermos. Com o passar do tempo e a convivência da recruta, que foi muito dura para alguns, facilmente fiz amigos, que foram para toda a vida. Era uma idade e um tempo de despreocupação com a vida, tudo dava certo.

Quanto ao Ultramar era um assunto de que nem se falava naquela altura. Situação que se alterou radicalmente a partir do assalto ao Navio Santa Maria, a 22 de Janeiro de 1961. Começamos logo a entrar de piquete, de prevenção, prontos para o que fosse necessário. Foi um período de alguma tensão que se viveu no quartel.

Tinha-me esquecido de referir que era corneteiro, e entre as minhas incumbências tinha a de, sempre que o Comandante do BII18 - Armando Maçanita chegava eu dava um determinado toque de *sentido*. Naquele distante 13 de Abril de 1961, como costume, ia tocar quando ele se me aproximou, eis que bruscamente faz-me sinal para não o fazer. Obedeci. Abrindo a porta da viatura com vigor saiu e disse-me cabisbaixo para não tocar porque vamos todos para Angola.

Estava assim confirmado nesse 13 de Abril de 1961 que íamos para o Ultramar. Deu que pensar e psicologicamente todos se foram abaixo; o clima era de um generalizado descontentamento entre nós, mas ninguém desertou. Os nervos e a ansiedade eram muitos e tudo o que queríamos naquele momento era ir a casa, sentir o conforto dos que nos eram mais queridos. Houve um amigo meu que me disse que se adivinhasse que ia morrer no Ultramar preferia atirar-se já para debaixo de uma camioneta. Havia um sério receio de partir. Mas bem no fundo, como se aprendia na escola, todos os homens sentiam que valia a pena ir para o Ultramar para defender aquela ou qualquer outra colónia portuguesa, porque isso era defender a Pátria.

Não tenho ideia nenhuma de como se organizou a Unidade a que pertencia para fazer face àquele momento, aos meus olhos as coisas aconteciam simplesmente.

Quanto às cerimónias públicas de despedida são as que se conhece pelos jornais, de grande significado e impacto na sociedade, com momentos chocantes, como pude testemunhar no dia anterior à partida pela missa campal no Santo Cristo.

Não havia discurso oficial dos nossos superiores sobre aquele momento. Com exceção aquando da chegada dos regressados da Índia, dirigiu-se a nós todos em parada, o Comandante da Região Militar dos Açores; aos que chegaram elogiou grandemente os seus préstimos em favor da Pátria, e aos que brevemente iam partir motivou-os referindo que era um momento difícil que Portugal estava a viver e precisava de nós.

Nessa altura ainda vivia em casa de meus pais, não era casado, já namorava. Mesmo assim e após a tomada da decisão oficial da nossa mobilização deram-nos 4 dias seguidos de folga (de quarta à noite a segunda de madrugada), para nos irmos despedir das nossas famílias, o que fiz.

Sabendo as nossas famílias que íamos para o Ultramar o ambiente em casa no momento da despedida foi de profunda tristeza. Ao chegar a casa a minha mãe gritava, porque um amigo meu já a tinha dito o que se ia passar. No domingo fomos à missa. Toda a freguesia chorou, eram três filhos da terra que iam para Angola.

Foi penosa e de semblante muito carregado a viagem de casa até ao quartel.

Para nos animar, dois dias antes da partida, juntaram todos os que iam abalar na casa de cinema dos Arrifes, onde foi exibido um filme com a vida de Cristo.

Íamos nos apresentar a bordo só fardados, sem armas. Por curiosidade um militar foi portador de uma pistola de guerra, que tinha furtado no quartel.

No dia do embarque estávamos todos muito receosos, pela partida e pela situação desesperada em que se encontravam as nossas famílias, a ponto do Exército não ter permitido aos familiares de se despedirem de nós no Molhe Salazar.

A viagem de barco até Lisboa foi de início um pouco atribulada, com a procura da tal pistola roubada no quartel, mas depois de resolvido este assunto, tudo normal.

Em Lisboa esperava-nos Mário César Teixeira, Capitão, Comandante da Companhia de Caçadores 111. Seguimos para Santa Margarida onde ficamos aquartelados durante três semanas. Nunca tivemos instrução, era um tédio ao que eu e alguns homens fizemos uma excursão a Fátima, paga a expensas nossas.

Sentíamos não estar preparados para um terreno adverso. Houve um Tenente que nos disse reear a nossa preparação para enfrentar a nova situação do Ultramar.

Antes da partida para Angola deram aos homens os equipamentos que iam levar, que era uma farda amarela com cáqui, em troca com a que se levava de São Miguel. Todos foram fardados para bordo.

A única cerimónia pública de despedida que tivemos foi uma formatura no Cais de Alcântara, encabeçada pelos respetivos Comandantes de cada companhia, a fim de um melhor ordenamento na entrada a bordo. Havia uma multidão para se despedir de nós, destacando-se nessa algumas figuras gradas do Exército e também do Governo!

Largamos e iniciamos a viagem. Para ocuparmos o tempo eram exibidos filmes, fazíamos ginástica e tínhamos instrução, depois muitos jogavam às cartas, etc.

Mesmo com cerca de 4000 homens a bordo não havia grande confusão, bem pelo contrário, tudo era muito fácil e bem ordenado militarmente. Mesmo no refeitório havia uma grande organização em que comiam 500 homens de cada vez. Como curiosidade posso referir que a comida era muita e boa.

Nunca me apercebi de nada de extraordinário em toda a viagem, muito menos uma tentativa de rebelião a bordo com a intenção de fazer mudar de rumo do barco.

A receção no porto de Luanda foi indiscritível, uma multidão imensa que gritava de alegria aos nos ver chegar. Esperava-nos o General Monteiro Libório, Comandante da Região Militar de Angola. De seguida fizeram uma enorme formatura e entramos na Avenida Marginal a marchar. No fim do desfile foi oferecido um beberete, pago pelos civis, e muitos foram os que nos abraçaram.

Mas naquela terra distante e desconhecida tudo era diferente. Tantos pretos que me pareciam todos iguais, a própria terra mais avermelhada, outro clima, o calor...

Terminado o beberete acomodaram-nos em viaturas e fomos para o quartel! Ficamos alojados num telheiro de um Seminário. Fomos avisados pelo Comandante da Companhia, que ninguém dali saía, e se saíssem, que todos fossem portadores de um punhal, nunca em grupo inferior a três e um desses deveria obrigatoriamente ser portador de uma pistola. Começávamos a sentir o peso de estar ali.

Após uma espera de cerca de três semanas levantamos o equipamento que nos estava atribuído, roupa, espingarda *mauser*, munições e punhal. E aí mesmo fizemos a primeira missão que foi o *Cerco do Muceque Rangel* – onde havia muitos terroristas. Dois dias mais tarde embarcamos num Navio de Guerra e seguimos para Santo António do Zaire, onde desembarcamos no rio Zaire, a meio do rio, e seguíamos de barco a remos até terra. Passamos a Vila de Santo António do Zaire e fomos acampar no mato, durante uma semana. As poucas pessoas daí com que convivemos relacionavam-se bem connosco, eram até amistosas.

Depois mudamo-nos para Ambrizete onde se estabeleceu o Comando do Batalhão. Daí mudou-se para Lufico a Companhia 111 e se estabeleceu. Patrulhávamos a zona ao redor. Quando saíamos em patrulha para longe tínhamos a esperança de nesses lugares / sanzalas houvesse comida e de um modo geral quando aí chegávamos havia carestia de muitas coisas, por causa dos ataques terroristas. Ora quando as *rações de combate* se acabavam, o que aconteceu algumas vezes, passávamos fome. Isto porque a alternativa de reabastecimento dependia de o ir buscar à base e voltar para o sítio a patrulhar, e para isso era preciso que alguém se desse como voluntário para tal, e ninguém o queria, era demasiado arriscado.

O pior dia da minha vida foi a 02 de Julho de 1961, às 16H00. Estávamos acampados no Lufico e viemos numa patrulha para Tomboco, onde nos íamos encontrar

com uma outra patrulha que ia de Ambrizete para Tomboco, e eram portadores de correio e material de guerra para nós. Após este encontro e de regresso a Lufico, onde antes de alcançarmos o nosso acampamento, mais ou menos a meio trajeto, fomos atacados, onde tivemos dois feridos e um morto, Leonardo Caetano Pereira, que foi posteriormente enterrado no acampamento do Lufico. Ripostamos ao ataque, fazendo fogo deitados no chão, e só os destroçamos do seu esconderijo com granadas e bazucas. Não sabemos as consequências do nosso contra ataque, queríamos era sair dali, o que algum tempo depois conseguimos. Houve camaradas nossos que gritaram de desespero por aquele morto em combate, como se fosse um seu irmão.

Um camarada morto muda a percepção que se tem daquela guerra, transforma a personalidade de qualquer homem – a minha não, porque sentia que me estava apenas a defender. De qualquer maneira foi aí que sentimos na pele que a guerra tinha começado para nós. Todos enfrentamos muito mal esta situação; ficamos de rastos, completamente desmoralizados. Daí em diante tudo foi diferente. Mudou tudo, inclusivamente transferiram-nos para Ambrizete, onde para nos elevar o moral nos ofereceram um espetáculo de variedades com o comediante Max (a mula da cooperativa...) e a fadista Maria de Lurdes Resendes.

Um homem por muito forte que seja também tem dias de desespero, confesso que mesmo nos piores dias nunca chorei pois fui sempre muito rijo, não me comovo facilmente. Mas pensava muitas vezes na razão de estar ali a pagar pelo que não fiz.

Para aliviar o *stress* comunicava com a minha família com uma frequência média quinzenal, por aerograma ou carta.

Preveniram-nos que devíamos optar por ter uma *madrinha de guerra* porque se houvesse censura (o que nunca aconteceu) a única pessoa a quem se podia escrever é a essa e em carta aberta. Optei por ser a minha namorada, e acabei por casar com ela.

Muitas vezes senti que a minha vida e a dos meus camaradas estava em perigo. O que fiz foi defender-me instintivamente, atirar para o chão, rastejar, esconder, ripostar sem tréguas e rezar para que os piores momentos passassem depressa. Nos combates com fogo real, em que a nossa vida está sempre em perigo e presa por um fio, ficava nervoso, excitadíssimo, transtornado, porque sabia que de um segundo para o outro tudo poderia mudar, para pior.

Em combate nunca fui deixado ou deixei algum camarada para trás. Os feridos em primeiro lugar na ajuda a se retirarem do campo de batalha, mas mesmo os mortos regressavam à base connosco. Havia entre todos um espírito de solidariedade muito grande, dos nossos ninguém ficou para trás.

Inicialmente Portugal não tinha organização logística à altura para enfrentar aquela guerra. Não tínhamos suficientes meios de apoio, de que é o exemplo de um simples helicóptero para o reabastecimento das patrulhas, o que não aconteceu, por isso algumas vezes passamos fome no mato quando ficávamos mais tempo do que o previsto. Em combate para ripostar a tempo dispúnhamos de uma espingarda *mauser*, apesar de muito fiável apenas disparava tiro a tiro, e mais não digo.

Particpei de forma fria em muitas operações de combate, todas as que o meu pelotão realizou, o 3º. Não participei na reocupação de Nambuagongo, foi o BC96 que fez essa operação, comandados por Armando da Silva Maçanita, antigo Comandante do BII18, e que havia feito a viagem de barco connosco até Luanda.

As ações em que participei foram: Cerco do Muceque Rangel; (confirmo que havia aí muitos terroristas); Ação de Limpeza na fazenda Loge e Mongatombe; Ação de Limpeza nas Sanzalas de Ienga e Quiaia; Operação Quibala; Operação São Salvador; Operação Mandioca; Operação Tornado; Operação Roda Viva; e diversas outras de menor envergadura.

No teatro de operações não havia folgas, e se as houvesse estávamos no mato, sem ter para onde ir, o melhor era estar sempre alerta.

Inicialmente tinha a ideia de que estava a ajudar a travar uma guerra justa por saber que Angola era nossa, mas no fim verifiquei que o Governo deveria ter arranjado uma forma mais rápida de lhes dar a independência, evitando parte do que aconteceu. De qualquer maneira tanto eu como os meus camaradas apoiávamos sem contestação o que o Governo de Salazar estava a fazer pela Pátria.

Estive no Ultramar de 20 de Abril de 1961 a 22 Julho de 1963, 27 meses.

O nosso Comandante de Batalhão, Tenente Coronel Mário Fernandes da Ponte, era um bom homem, extremamente rigoroso, mas honesto e preocupado com as vidas dos seus homens. Isso provou-me ele ao dizer-me certo dia: devemos exigir mais da tropa em campanha do que nos quartéis, porque em campanha um deslize pode ser a morte, no quartel quando muito é-se castigado.

Antes de regressarmos a São Miguel, numa cerimónia promovida pelo Comandante de Batalhão, transmitiu-nos que se tínhamos sobrevivido até ali, iríamos morrer de velhos. Reconheceu que por vezes tinha sido demasiado rigoroso, mas tudo fez para que males maiores não acontecessem. Agradeceu emocionado o esforço que todos fizeram pela sua Pátria e desejou-nos sorte para as nossas vidas.

Regressamos no mesmo navio Vera Cruz, mas a comida foi rancho. Foi quase uma viagem turística; passamos perto das Canárias, e desembarcamos no dia seguinte na Madeira onde aí ficou a companhia dessa região. Daí fomos para Lisboa, onde ficamos cinco dias, na Engenharia 1, Campo Grande, mas estávamos completamente livres, como se fôssemos civis. Embarcamos no Lima com destino a Ponta Delgada onde fomos muito bem recebidos por um mundo de gente, em que o comércio citadino fechou as portas para se juntar aos festejos. Após o desembarque desfilamos até à Igreja

do Senhor Santo Cristo, onde recebemos uma bênção. De seguida desfilamos pela Avenida marginal, até à Escola onde fomos tomados por camiões para os Arrifes.

Não fui condecorado e o louvor que tenho é o mesmo dos outros - geral.

Após as cerimónias foi tempo de desmobilizar. Antes de chegarmos a casa estava uma banda de música à nossa espera no Ramal, pelo que o resto do caminho até a casa foi a pé. O meu pai comprou um gueixo para matar e foi cozinhado e distribuído em nossa casa à freguesia, para quem quis. A banda local tocou toda a noite pelos caminhos da freguesia, em algazarra, eram três filhos da terra que regressavam.

De regresso a casa nos primeiros dias estranhei tudo, mas depois reintegrei-me na vida civil com normalidade. Comprei umas vacas e organizei a minha vida. Em 1965 casei. Em 1967 vendi a minha lavoura e fui para o Canadá, onde fiquei dez anos.

Passados que são cinquenta anos posso dizer agora que penei bastante, fiz tudo ao serviço e em prol de Portugal. Fui castigado por coisas que não fiz, mas era a nossa obrigação, não me recusei a nada, aceitei normalmente a imposição do exército, como toda a mocidade daquela época, sentíamos ser essa a nossa obrigação.

Ao regressar do Ultramar, Angola, ajuizava que tudo o que havia passado teria valido a pena. Mas hoje verifico que tudo pelo que lutei terá sido em vão. O nosso país não está melhor do que então; as desigualdades sociais são enormes e os sacrifícios são pedidos aos mesmos de sempre. Contudo não acho que as coisas pudessem ter sido diferentes no início da guerra, pois havia que defender o que era nosso.

Apesar de tudo tenho saudades desse tempo. Queria rever todos os lugares por onde passei, mas em paz. A minha alma está vazia, não consigo melhor explicar.

Quanto aos governantes da altura, ainda hoje considero Salazar como um grande governante, que pegou num país em bancarrota, arrumou as finanças, encheu os cofres do Estado mas não desenvolveu o país como deveria; de qualquer maneira a ideia que tenho era a de Salazar ser bem visto e muito respeitado por todos os meus camaradas.

Adriano Moreira era um doutor de muito saber. Quanto aos outros era como se não existissem, não se ouvia falar deles.

Água Retorta, junho de 2012